

## SANTOS, Luís Reis

Lisboa, 1898 - Pombal, 1967

Natural de Lisboa, onde nasceu, em 1898, Luís Reis Santos (Fig. 1) destacou-se no campo profissional como especialista em História da Arte portuguesa, incidindo maioritariamente os seus estudos sobre a pintura antiga dos séculos XV e XVI. Embora não possuísse formação certificada por diplomas universitários, o seu carácter autodidata, aliado ao esforço constante de atualização e ao conhecimento aprofundado sobre diferentes expressões artísticas, moldaram-lhe um perfil de investigador erudito, com um refinado sentido crítico e de reconhecido dinamismo no modo como expunha oralmente o resultado das suas investigações (Freitas, 2016, 104-107).

No início da década de 1930 rumou a Paris onde frequentou o conhecido Instituto Mainini, anexo ao Museu do Louvre, concluindo, com aproveitamento, o curso de aplicação de processos científicos e tecnológicos às obras de arte. Em 1934, e já em Portugal, colocou em prática os conhecimentos adquiridos no estrangeiro, com o auxílio dos médicos radiologistas Pedro Vitorino (1882-1944) e Roberto Carvalho (1893-1944), empregando, nos espécimes pictóricos antigos, raios X, infravermelhos e luz rasante. A sua passagem pelo estágio de conservador de museus, realizado em três anos no MNAA e concluído em 1944, permitiu-lhe a ascensão aos cargos de topo dos museus portugueses sob a alçada do Estado, chegando, em 1951, à diretoria do Museu Machado de Castro, num posto que ocupou até à sua morte. A partir de 1954, acumulou as referidas funções com as de docente universitário, lecionando, na Faculdade de Letras da Universidade

de Coimbra, as disciplinas de História e Estética da Arte e História da Arte Portuguesa e Ultramarina (*Ibidem*, Gusmão, 1967, 711-719).

No âmbito historiográfico, Luís Reis Santos deu prioridade aos estudos de pintura antiga, entrando pelas matrizes biográficas dos mestres quinhentistas Cristóvão de Figueiredo, Gregório Lopes, Garcia Fernandes e Vasco Fernandes. O seu campo de ação não se fixou somente nas instituições de âmbito nacional, ao realizar, com regularidade, missões de estudo a museus e arquivos estrangeiros, localizados na Bélgica, França, Inglaterra e Holanda. Partindo de um escopo mais contextualizador, apresentou, em 1953, o que se considera ser o seu *opus magnum*, com a investigação *Obras-primas da pintura flamenga dos séculos XV e XVI em Portugal*, prefaciada pelo mestre e amigo Max J. Friedländer. Nela são



FIG. 1 Luís Reis Santos numa conferência realizada na igreja de São João de Almedina (finais da década de 1950). © Museu Nacional Machado de Castro.

descritos os efeitos artísticos da ligação económica entre Portugal e Flandres, evidenciados através da existência da pintura flamenga no nosso país, bem como na confirmação da presença de pintores lusos em aprendizagem ou a laborar no Norte da Europa. A conjugação do acervo pictórico flamengo presente em Portugal, em particular o de Quentin de Metsys, elevou Luís Reis Santos a um reconhecimento que ultrapassou as fron-



teiras nacionais, sendo requisitado, como palestrante, um pouco por toda a Europa e nos Estados Unidos da América e recebendo, em janeiro de 1954, a Cruz da Ordem de Côros, concebida pela monarquia belga. No âmbito interno alinhou, sem reservas, com o poder político então vigente, ao constar no rol de historiadores “oficiais” do Estado Novo, nutrindo uma grande admiração pelo Presidente do Conselho António de Oliveira Salazar, a quem dedicou o estudo *Obras-primas da pintura flamenga* (Freitas, 2016, 104-107).

A entrada de Luís Reis Santos para o espaço museológico conimbricense deteve contornos algo complexos e de forte resistência por parte de algumas personalidades importantes da cidade, que entendiam não ter perfil adequado para dirigir a instituição. Embora tenha concorrido, em 1944, a um concurso aberto pela Direção Geral do Ensino Superior e Belas Artes, com vista a preencher o lugar vacante de diretor – sendo, inclusivamente o único candidato opositor –, a sua indigitação não se concretizou por pressão expressa do meio artístico/cultural conimbricense que pretendia eleger, para o referido cargo, o conservador-ajudante António Nogueira Gonçalves (1901-1998), ainda que este não fosse habilitado para tal, uma vez que não possuía o estágio trianual de conservador de museus no Museu Nacional de Arte Antiga. Somente em 1951, através da abertura oficial de um novo concurso, Reis Santos viria a ser confirmado como diretor do espaço museológico, contando com o apoio e interceção, junto de membros do Governo, de António Gomes da Rocha Madail (1893-1969) (*Idem*, 2016, 99-104).

A escassez de ensaios/textos teóricos versando sobre as suas conceções museológicas não invalida que possam ser apreendidas através dos resultados práticos obtidos pelo Museu Machado de Castro durante os anos em que ocupou o cargo de diretor. Neste aspeto, importa, de igual modo, compreender, os contextos e personalidades essenciais na sua formação museística já atrás evidenciada, em particular a importante ligação



FIG. 2 Exposição Documental sobre a História do Museu Machado de Castro. Visita orientada por Luís Reis Santos, sendo dirigida aos membros da IV Reunião dos Conservadores de Museus, Palácios e Monumentos nacionais, entre os quais João Couto (outubro de 1963). © Museu Nacional Machado de Castro.

a João Couto (1892-1968), como formador principal no estágio de conservadores que efetuou no Museu Nacional de Arte Antiga, num espaço museológico progressista e em concordância com o que de melhor se fazia em termos internacionais, sobretudo no âmbito dos serviços educativos.

No próprio discurso de tomada de posse de Luís Reis Santos como diretor, as diretrizes essenciais da museologia moderna encontram-se explícitas no conjunto de medidas a aplicar no âmbito da conservação, inventariação e estudo dos espécimes depositados no museu, deixando, inclusivamente, o compromisso de prover melhorias significativas na estrutura arquitetónica e nas interações com o público em geral e, em particular, com a Universidade. Para elevar o Museu Machado de Castro a um organismo de boas práticas museológicas seria necessária a aplicação de uma série de valências estruturais e técnicas, por si referenciadas nos seguintes moldes: “Por isso, tanto a biblioteca, o arquivo e os laboratórios, como as reuniões de pessoal técnico, as exposições temporárias e regulares, fixas e circundantes, as conferências, lições e visitas explicadas, as monografias e publicações periódicas, os guias e catálogos, etc. deverão ser organizados com a finalidade não só de facultar aos visitantes noções e comoções estéticas, mas também de

valorizar e documentar o património artístico da Beira, e oferecer aos arqueólogos e historiadores de Arte elementos de trabalhos, procurando ir ao encontro dos investigadores, facilitando o estudo, desenvolvendo, no público, a consciência do passado, a noção do valor de obra de Arte e o culto da Beleza; elevando enfim, o nível da sensibilidade e da cultura artística dos estudantes e trabalhadores portugueses” (“O discurso do novo director do Museu Machado...”, 1951, 1).

O trabalho desenvolvido por Luís Reis Santos no Museu Machado de Castro entre 1951 e 1967 demonstrou que a prática museológica acompanhou as intensões iniciais em diversos parâmetros aqui listados: a) crescimento do número anual de visitantes, chegando, em 1964, à cifra de 25 315 entradas pagas; b) ligação privilegiada com a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com o museu a manter-se como espaço formativo essencial da licenciatura em Histórico-Filosóficas; c) no âmbito do serviço educativo, registou-se a abertura de cursos livres de belas-artes, realização de sessões cinematográficas de âmbito didático com entrada livre e de oficinas de aprendizagem artística dirigidas a um público infantil; d) aumento significativo das exposições temporárias – passando de 7 eventos ocorridos, desde a abertura do museu até 1950, para 50 certames, contabilizados já ano de 1967 –, recorrendo a diversas parcerias com a Fundação Calouste Gulbenkian, o Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra e embaixadas estrangeiras presentes em Portugal (Fig. 2); e) realização de conferências e colóquios internacionais de história da arte; f) aplicação de um ambicioso projeto de ampliação e beneficiação das instalações do museu, que, entre outros aspetos, dotou-o de áreas para serviços administrativos, criou uma sala destinada às exposições temporárias e promoveu a reabilitação integral do criptopórtico (Freitas, 2016, 108-119; 261-294).

Ainda na sua vigência enquanto diretor, o espaço museológico atingiu, a 18 de maio de

1965, o estatuto de Museu Nacional (Decreto-Lei n.º 46 758/1965), fruto do desenvolvimento ocorrido nos últimos anos como polo educativo, bem como na recuperação de um espaço arquitetónico de mais-valia patrimonial, aliado ainda à excecionalidade bem conhecida do acervo escultórico à sua guarda. O ciclo ascendente do Museu Machado de Castro quebrou-se a 18 de outubro de 1967, com a morte do seu diretor, Luís Reis Santos, sendo vítima de um trágico acidente de viação ocorrido nas proximidades de Pombal (Freitas, 2016, 104-107; Gusmão, 1967, 711-719).

#### BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Lourenço Chaves de. 1947. “Subsídios para a história do Museu Machado de Castro”. *Ocidente*, XXXI (106): 69-72.
- DECRETO-LEI n.º 46 758/1965. *Diário do Governo*, I s., 286, 18-12-1965.
- FREITAS, Duarte Manuel. 2016. *Museu Machado de Castro. Memorial de um Complexo Arquitetónico Enquanto Espaço Museológico*. Casal de Cambra: DGPC/Caleidoscópio.
- GUSMÃO, Adriano de. 1967. “Luís Reis Santos”. *Biblos*, XLIII: 711-719.
- “O discurso do novo director do Museu Machado de Castro na altura da sua posse”. 1951. *Diário de Coimbra*, 6877, 19-06-1951: 1-5.
- SANTOS, Luís Reis. 1953. *Obras-primas da pintura flamenga dos séculos XV e XVI em Portugal*. Lisboa: Edição do Autor.
- VILHENA, João Jardim de. 1947. “Há por aí quem sirva para Director do Museu Machado de Castro?”. *Gazeta de Coimbra*, 5199, 22-11-1947: 1.

[D.M.F.]

**DUARTE MANUEL FREITAS** Doutorado em História, na especialidade de Museologia e Património Cultural. Professor Auxiliar da Universidade Autónoma de Lisboa, membro integrado no Centro de História da Sociedade e da Cultura (FLUC) e no Centro de Investigação em Ciências Históricas (UAL). Atua nas áreas da Didática da História, da Museologia Histórica e da História das Empresas. Com a sua tese de doutoramento, intitulada *Memorial de um complexo arquitetónico enquanto espaço museológico: Museu Machado de Castro (1911-1965)*, entretanto publicada na Coleção Estudos de Museus (Caleidoscópio/DGPC, 2016), o Prémio Victor de Sá de História Contemporânea (2015) e o prémio da Associação Portuguesa de Museologia, na categoria de “Melhor Estudo de Sobre Museologia” (2016).

